



JOÃO MIGUEL JÚNIOR/AG

LÁZARO RAMOS

Ator

"Principalmente à noite, tenho dificuldade de pegar táxi e sei que isso aconteceu por causa da minha cor. Já fui seguido por segurança dentro de supermercados. Uma vez, em Salvador, fui sacar dinheiro em um banco depois das 23 horas. Quando estava saindo, fui abordado por policiais que estavam em uma viatura. Os policiais me revistaram e foram agressivos, jogando meus documentos de identidade no chão. Eu já fiz parte do Bando de Teatro Olodum, onde aprendi a me defender de atitudes como aquela, tão truculenta. O policial se justificava dizendo que eu era um tipo suspeito.

Ainda há muito racismo. Em Salvador, cerca de 80% dos atores negros estão no Bando de Teatro Olodum que vem provocando transformações muito importantes no cenário cultural baiano. Gostaria de, na minha infância, ter visto negros em posições nas quais eu pudesse me espelhar.

Hoje percebo que muitas pessoas mudaram a forma de me tratar só porque hoje sou um ator mais conhecido. É como se, ao ficar famoso, eu deixasse de ser negro. Fico apreensivo com isso. Quer dizer que agora sou mais importante e antes não era?"

Especialistas em driblar

DANNIELA SILVA

Eles ocupam papéis de destaque na sociedade e são referência em suas áreas de atividade. Conhecem de perto o racismo, mas souberam dar a volta por cima, tornando-se profissionais notáveis. O ator Lázaro Ramos, a juíza Luislinda Valois, a empresária Dadá, o presidente do Ilê Aiyê, Vovô, e o jurista Edvaldo Brito são uma prova de que a melhor resposta a atitudes racistas é dada por quem não se abate, protesta e transforma a humilhação em garra. Eles se dispuseram a falar sobre as humilhações das quais foram/são vítimas por causa da cor da pele



FERNANDO VIVAS



JONNE RORIZ/ARQUIVO A TARDE

EDVALDO BRITO

Advogado, ex-prefeito de Salvador.

"Só na posição de secretário de Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo fui destrutado por policiais militares cinco vezes. Todas as abordagens aconteceram quando eu estava no interior de automóveis oficiais. Mesmo eu me identificando, eles insistiam em duvidar.

Numa das vezes, com sirene ligada, metralhadora em punho, corpo debruçado na janela, o policial gritava ensandecido: salta, salta, salta. O meu segurança sacou a credencial, mas nada continha a fúria do policial. Ele queria mesmo me humilhar e só parou quando um dos colegas percebeu a besteira que faziam".

EDMAR MELO



FERNANDO AMORIM

LUISLINDA VALOIS

Coordenadora dos Juizados Especiais do Tribunal de Justiça da Bahia

"No exame de admissão para ingresso no ginásio em uma escola pública, senti logo o peso da discriminação racial. Só porque não levei o material pedido, o professor soltou a frase 'negro foi feito para trabalhar na cozinha de branco'. Aquelas palavras não saíram da minha memória e serviram para fortalecer a vontade de ser uma pessoa de sucesso. Lembro que, depois de me formar em direito, prestei concurso para procuradora autárquica. Havia apenas uma vaga para a Bahia e eu fiquei em primeiro lugar. Mas a vaga ficou com o último colocado no concurso, e eu para Curitiba. Tentei de tudo, mas o sistema político não permitiu.

Para o negro tudo é difícil, emperrado. Nem mesmo o hábito de andar bem vestida me livrou de ser identificada como babá por um delegado ao acompanhar uma cliente branca que segurava um bebê.

Já como juíza, em pleno avião, um passageiro insistiu que eu deveria ceder o lugar para outra pessoa. Como me recusei, ele retrucou que era coisa de negro".

QUAL A SUA COR?

"Eu sou é preto. Não tem nada daquela história de pardo"

JULIÃO DE CARVALHO,
52 anos, corretor de imóveis

DADÁ

Empresária, dona de dois restaurantes em Salvador e um em São Paulo.

"Não houve obstáculo que eu não conseguisse superar, ou melhor, somente um consegui me roubar a alegria de viver por um bom tempo. Por mais empenho que tenha tido, não consegui sustentar meu casamento. O motivo da separação? Preconceito.

A família de meu ex-marido nunca aceitou minha condição de negra e de não ostentar um sobrenome tradicional. Sei que ele lutou para ficar comigo, mas a pressão da família era muito forte.

E o meu ex-marido também era negro, ou seja, o preconceito existe entre os próprios negros. Quer ver uma coisa? Por que é tão difícil ver um negro namorando com outro negro?

Hoje namoro um curitibano branco e sou muito querida pela família dele. A discriminação da qual fui vítima abalou a minha auto-estima. Precisei fazer terapia para me reconhecer como empresária".

VOVÔ

Presidente do bloco afro Ilê Aiyê

"Fui operário do Pólo Petroquímico de Camaçari. Deixei o emprego na década de 80 para me dedicar integralmente ao projeto do Ilê porque não agüentava ver os negros ganhando menos. Por mais competente que fosse, nenhum negro era promovido a cargo de supervisão ou gerência.

Várias vezes já percebi que pessoas relutam em sentar ao meu lado num avião. Quando entro em elevadores, é comum ver pessoas se espremendo nos cantos para não me tocar.

Uma certa feita, estava passando entre as cadeiras de um restaurante para me servir no bufê, quando uma senhora apertou a bolsa no peito. Voltei e falei bem baixinho que não precisava se preocupar, porque eu estava de folga. É por essas e outras que fico decepcionado com o grau de racismo no mundo. Você pode ser o Pelé, mas vai ser sempre tachado como negro. Quem é negro sabe disso".